

A COR QUE FALTA

AMOSTRA



Wagner R. Bomfim

Para adquirir o livro completo acesse: livros.wagner.com.br

A COR QUE FALTA

PREFÁCIO

Este livro não começa com “Era uma vez” nem termina com “felizes para sempre”. Porque a vida entre os catorze e os vinte anos não é um conto de fadas — é uma revolução silenciosa, um terremoto interior que ninguém mais parece ouvir.

A Cor Que Falta é sobre o intervalo. Aquele espaço desconfortável e milagroso entre a criança que você foi e o adulto que ainda não sabe como ser. É sobre a primeira vez que você olha no espelho e não reconhece o rosto que devolve o olhar. Sobre a primeira vez que ama de um jeito que machuca de tão real. Sobre a primeira vez que trai ou é traído e descobre que o coração pode mesmo se partir em dois. Sobre a noite em que você olha para o teto e pensa: *Ninguém mais no mundo inteiro se sente tão sozinho quanto eu.*

Eu escrevi estas páginas para a garota que segura a respiração no corredor, esperando não ser notada. Para o garoto que ri muito alto para disfarçar o pânico. Para quem já amou em segredo. Para quem já foi amado de um jeito que doía. Para quem carrega um nome ou um pronome que ainda soa estranho na própria boca. Para quem já sentiu que estava errando o passo de uma dança que todo mundo parecia conhecer.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

Os personagens que você vai encontrar aqui — **Elisa, Mateus, Júlia, Daniel, Ana, Pedro e Luiza** — não são heróis. São humanos. Erram feio. São covardes quando precisariam ser corajosos. São egoístas. São generosos até doer. Amam pessoas erradas. Deixam de amar pessoas certas. Procuram respostas em lugares escuros e, às vezes, é lá que as encontram.

Este é um livro para competir com os grandes do YA não por ter mais ação ou plot twists, mas por ter mais verdade. Porque o leitor moderno de YA está cansado de distopias fantásticas. Ele quer um espelho. Quer ver sua própria confusão, seu próprio medo, sua própria beleza desajeitada refletida nas páginas. Quer personagens que suem, que gaguejem, que tremam, que duvidem, que desejem, que quebrem — e que se reúnam de formas inesperadas.

A Cor Que Falta fala de todas as cores que tentam nos pintar: a cor das expectativas da família, a cor dos papéis de gênero, a cor da popularidade, a cor das notas boas, a cor do primeiro amor. E fala da cor que não vem de fora, mas de dentro — aquela que é só sua, mas que às vezes leva uma vida inteira para descobrir.

Que estas páginas sejam um abraço para você que está no meio da sua própria revolução silenciosa. Que você encontre em

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

Elisa, Mateus e nos outros não respostas prontas, mas a coragem de fazer as perguntas certas. E que, ao fechar este livro, você se lembre: a cor que falta no mundo é exatamente a que só você pode trazer.

Com toda a honestidade que posso oferecer,

O Autor: Wagner R Bomfim

AMOSTRA

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

SUMÁRIO

LIVRO UM: OS ESPECTROS

1. A Cidade que Respira por Baixo da Pele
2. O Peso dos Nomes
3. O Primeiro Corte
4. Cartografia do Vazio
5. O Clube dos Ossos Quebrados

LIVRO DOIS: OS MAPAS INVISÍVEIS

6. Pontos de Fuga
7. Fronteiras de Sangue e Sal
8. A Geometria do Quase
9. O Idioma das Cicatrizes
10. Noite de Alinhamento

LIVRO TRÊS: OS LABIRINTOS

11. Espelhos com Memória
12. O Sabor do Segredo
13. Família como Língua Estrangeira
14. Escola como Campo de Minas
15. A Biblioteca dos Corpos Proibidos

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

LIVRO QUATRO: AS RUPTURAS

16. Quando a Terra se Move
17. Traição como Segunda Língua
18. A Arte de Desaparecer
19. O Que Fica nos Espaços Vazios
20. Cartas para Fantasma

LIVRO CINCO: AS PONTES

21. Estranhos que Carregam a Mesma Chave
22. Amor em Letras Minúsculas
23. Irmãos de Armadura
24. Professores que Deixam Portas Abertas
25. A Tribo dos Desencaixados

LIVRO SEIS: AS SEMENTES

26. Primeira Colheita
27. A Coragem das Raízes Rasas
28. Flores no Concreto Rachado
29. A Estação dos Começos Tímidos
30. Mapas Novos para Terras Antigas

LIVRO SETE: AS CORES

31. O Tom que Era Você o Tempo Todo
32. Paleta Expandida
33. Pintando sem Pedir Permissão

34. A Obra Inacabada

35. Assinatura no Canto do Mundo

AMOSTRA

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

LIVRO UM: OS ESPECTROS

CAPÍTULO 1: A CIDADE QUE RESPIRA POR BAIXO DA PELE

A cidade se chamava Esperança, mas Elisa sabia que nomes eram só roupas que lugares vestiam para esconder seus ossos. Do seu quarto no quarto andar, ela via os telhados da cidade se estendendo como um mar de telhas velhas, algumas vermelhas, outras cinza, a maioria um tom doente entre os dois. Era uma cidade que respirava devagar, com pulmões cheios de fumaça de fábrica e poeira de estradas não pavimentadas.

No verão, o ar cheirava a asfalto derretido e mangas podres. No inverno, a lenha queimada e desesperança úmida. Elisa conhecia cada cheiro, cada som, cada silêncio. Conhecia os horários em que a fábrica de tecidos soltava seu apito — sete da manhã, meio-dia, seis da tarde — como batimentos cardíacos de um gigante adormecido. Conhecia o barulho específico do ônibus 14 descendo a ladeira da Rua das Flores, os freios chiando sempre no mesmo lugar, como se a cidade tivesse seus próprios tiques nervosos.

Hoje era primeiro dia de aula. Dezesesseis anos, segundo ano do ensino médio. Elisa observou-se no espelho embaçado do banheiro enquanto escovava os dentes. Seu rosto parecia uma

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

coleção de partes que não combinavam direito: olhos grandes demais para o rosto, nariz pequeno demais para os olhos, uma boca que nunca decidia se queria sorrir ou franzir. Seu cabelo, castanho escuro e liso, caía sobre seus ombros como um véu que ela desejava poder arrancar.

“Elisa! Vai se atrasar!” A voz da mãe subiu as escadas, afiada com a preocupação rotineira.

“Já vou!”

Ela vestiu o uniforme — blusa branca, saia azul-marinho até os joelhos, meias sociais. A fantasia da normalidade. Na cozinha, sua mãe preparava sanduíches para o almoço, movimentos precisos de quem faz a mesma coisa há quinze anos.

“Toma o suco. Feito hoje.”

“Obrigada.”

Seu pai já tinha ido, claro. Sempre ia antes do sol nascer, voltava depois dele se por. Engenheiro na fábrica de tecidos. Um homem de números e silêncios.

“Lembra que hoje tem reunião com a orientadora”, disse a mãe, sem olhar para ela. “Para falar sobre seu futuro.”

“Eu não tenho futuro”, Elisa pensou, mas disse: “Lembro.”

O caminho para a escola era uma coreografia que ela conhecia de cor: descer a escada de incêndio externa (era mais rápido), virar à direita na padaria, cruzar a praça com o chafariz que nunca funcionava, subir a ladeira íngreme onde seus pulmões queimavam sempre no mesmo lugar.

Na esquina da Rua das Flores com a Avenida Central, ela o viu. Mateus.

Ele estava encostado no muro da antiga loja de ferragens, fumando um cigarro com uma intensidade que parecia pessoal. Seus cabelos pretos caíam sobre seus olhos, mas mesmo à distância, Elisa via a tensão em seu corpo — uma corda esticada prestes a arrebentar.

Eles se conheciam desde a infância, mas nos últimos dois anos, algo mudara. Mateus ficara mais quieto, mais afastado, como se estivesse se desfazendo aos poucos. No ano passado, ele desaparecera por três meses. Quando voltou, tinha uma cicatriz nova no queixo e olhos mais velhos.

Ele a viu e ergueu levemente a cabeça, um cumprimento mínimo. Elisa fez o mesmo. Era assim que eles se comunicavam agora — através de silêncios compartilhados, de

olhares que diziam: “Eu também sei que este lugar é uma gaiola.”

Ela seguiu caminho, sentindo o peso de seu olhar em suas costas. Sempre foi assim. Mateus a via — realmente via — quando a maioria das pessoas apenas olhava para ela.

A escola era um monstro de concreto pintado de amarelo desbotado. Colégio Estadual Professor Almirante, mas todos chamavam de “Almirante” como se fosse um navio afundando. Elisa passou pelo portão principal, misturando-se ao rio de uniformes idênticos, rostos com expressões variando do tédio ao pânico.

No corredor principal, os grupos já estavam formados. Os populares perto dos armários novos, rindo com uma confiança que parecia genética. Os esportistas com seus uniformes já suados às oito da manhã. Os nerds com calculadoras e cadernos organizados por código de cores. Os rebeldes fumando no banheiro dos fundos. E os invisíveis — como Elisa — que flutuavam entre os grupos sem pertencer a nenhum.

Sua sala era a 203. Ela entrou e foi direto para sua carteira — terceira fileira, segunda carteira da janela. Posição estratégica: perto o suficiente para parecer interessada, longe o suficiente para poder olhar pela janela sem ser notada.

A professora de português, Dona Marlene, começou a chamar a lista. “Ana Beatriz?”

“Presente.”

“Carlos Eduardo?”

“Presente.”

“Daniel Oliveira?”

“Presente.”

Daniel. Elisa olhou para ele sem querer. Ele estava duas fileiras à frente, seu cabelo louro cuidadosamente desarrumado, seus ombros largos sob a camisa branca. Daniel era o tipo de garoto que parecia ter saído de um catálogo: bonito, atlético, inteligente o suficiente, gentil com todos. Perfeito.

E impossível.

Não porque ele fosse inatingível — embora fosse — mas porque quando Elisa olhava para ele, não sentia o frio na barriga que os livros descreviam. Sentia... nada. Uma admiração estética, como se estivesse olhando para uma pintura bonita. E isso a assustava mais do que qualquer coisa. Porque se ela não conseguia sentir algo por Daniel Oliveira, o

garoto que toda garota da escola suspirava, o que havia de errado com ela?

“Elisa Montenegro?”

“Presente.”

Dona Marlene ergueu os olhos, seus óculos escorregando pelo nariz. “Ah, Elisa. Sua redação sobre ‘O Lugar que Mais Gosto’ foi selecionada para o concurso municipal. Parabéns.”

Uns poucos colegas viraram-se para olhar, alguns com inveja, a maioria com indiferença. Elisa sentiu seu rosto esquentar. Ela odiava ser notada.

“Obrigada”, murmurou.

A aula começou, palavras sobre gramática e literatura fluindo ao seu redor como um rio em que ela não mergulhava, apenas molhava os pés. Elisa abriu seu caderno e começou a desenhar nas margens — padrões intrincados, labirintos sem saída, rostos que se dissolviam em abstração.

Na carteira ao lado, Júlia a observava. Júlia com seus olhos verdes que viam demais, seus pulsos finos como galhos, seu silêncio que era diferente do silêncio de Elisa. O silêncio de Elisa era uma defesa. O de Júlia parecia uma escolha.

Para adquirir o livro completo acesse: livroswagner.com.br

“Seus desenhos são bons”, sussurrou Júlia.

Elisa fechou o caderno rapidamente. “São só rabiscos.”

“Rabiscos contam histórias.”

Elisa olhou para Júlia, realmente olhou. Havia uma intensidade ali, uma curiosidade que não era apenas educada. “Que história esse conta?” ela perguntou, apontando para um dos desenhos — um pássaro com asas de relógio.

Júlia sorriu, um sorriso pequeno e privado. “Que o tempo voa, mas nem sempre para onde queremos.”

Elisa ficou surpresa. Era exatamente o que ela pensara ao desenhá-lo.

O sino tocou, salvando-a de ter que responder. Elisa juntou suas coisas, preparando-se para a próxima aula, quando Daniel apareceu em sua carteira.

“Parabéns pela redação”, disse ele, seu sorriso perfeito e branco.

“Obrigada.”

“Você escreve muito bem. Deveria entrar para o jornal da escola.”

“Não gosto muito de... trabalhos em grupo.”

“Entendo.” Ele hesitou, algo raro. “Olha, tem uma festa na casa do Rafael sexta-feira. Se você quiser ir...”

Elisa sentiu os olhos da sala sobre ela. Daniel Oliveira a convidando para uma festa. Era o sonho de toda garota da escola. Ela deveria se sentir feliz, animada.

Sentiu apenas pânico.

“Vou ver”, disse ela, a resposta mais segura.

Ele pareceu um pouco decepcionado, mas recuperou-se rapidamente. “Legal. Te vejo por aí.”

Quando ele foi embora, Júlia se aproximou. “Daniel Oliveira, hein? Você é a garota da vez.”

“Não quero ser a garota da vez.”

“Por que não?”

“Porque da vez passa.”

Júlia riu, um som surpreendentemente quente. “Sábua.”

Elisa olhou para ela, essa garota estranha e perspicaz que de repente parecia interessada nela. “Você é nova, né?”

“Cheguei no meio do ano passado. Mas você nunca me notou.”

Era verdade. Elisa passara tanto tempo tentando não ser notada que acabara não notando ninguém.

“Sou Elisa.”

“Eu sei. Sou Júlia.”

Elas ficaram paradas no corredor, o fluxo de estudantes desviando delas como água em volta de pedras.

“Você vai para a festa?” perguntou Júlia.

“Provavelmente não.”

“Eu também não. Festas são... barulhentas demais.”

Elisa assentiu. Pela primeira vez em muito tempo, ela não se sentiu sozinha em sua preferência pela quietude.

“O que você faz nas sextas-feiras?” perguntou Júlia.

“Nada. Fico em casa.”

“Conheço um lugar. Silencioso. Longe daqui. Se um dia quiser...”

Júlia deslizou um pedaço de papel na mão de Elisa — um endereço escrito em letra minúscula e precisa — e então se misturou à multidão antes que Elisa pudesse responder.

Elisa olhou para o papel. *Armazém 7, docas velhas. Qualquer sexta, após o pôr do sol.*

Ela dobrou o papel e colocou no bolso, sentindo-o queimar contra sua coxa como uma pergunta que ela ainda não sabia se queria responder.

CAPÍTULO 2: O PESO DOS NOMES

Enquanto Elisa navegava pelos corredores da escola, do outro lado da cidade, Mateus acendia seu terceiro cigarro do dia. A fumaça arranhava sua garganta de um jeito que ele achava justo — um pequeno castigo por ainda estar respirando.

A casa dos Santos ficava na parte baixa da cidade, onde as ruas não eram pavimentadas e o cheiro do rio poluído era uma presença constante. Uma casa pequena, com as paredes rachadas e a pintura descascando como uma pele doente.

Mateus morava lá com a mãe e o irmão mais novo, Lucas. Seu pai era um fantasma que aparecia de vez em quando, trazendo

promessas e cheiro de cachaça, desaparecendo antes do amanhecer.

“Mateus! Vai se atrasar!” A voz da mãe soou cansada, mesmo tão cedo.

“Já vou, mãe.”

Ele vestiu o uniforme — a mesma blusa branca, a mesma calça azul que todos usavam, mas em seu corpo parecia um disfarce ridículo. No espelho do corredor, seu reflexo o encarou: olhos fundos, círculos escuros, a cicatriz no queixo que contava uma história que ele preferia esquecer.

“Toma o dinheiro do almoço”, disse sua mãe, entregando algumas notas amassadas. “E lembra de buscar o Lucas na escola às quatro.”

“Lembro.”

Ela olhou para ele, seus olhos carregando um peso que ele nunca conseguiu nomear. “Tá tudo bem, filho?”

“Tudo.”

A mentira era um hábito antigo. Tudo nunca estava bem na casa dos Santos. Mas dizer isso em voz alta faria com que a fratura se tornasse real, então eles dançavam em volta dela,

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

cuidadosos, como se o chão pudesse ceder a qualquer momento.

No caminho para a escola, Mateus passou pela fábrica de tecidos. O portão principal estava aberto, e ele viu seu pai lá dentro, carregando um rolo de tecido nas costas, seu corpo curvado sob o peso. Antônio Santos não o viu, ou fingiu não ver. Era assim que funcionavam — dois planetas na mesma órbita, mas nunca se tocando.

Mateus acelerou o passo. Odiava a fábrica. Odiava seu cheiro de óleo e suor. Odiava o som das máquinas que ecoava pela cidade como um lamento. Mais do que tudo, odiava a promessa não dita de que um dia ele também estaria lá, seu corpo se dobrando ao mesmo peso, seus dias contados pelos apitos das mudanças de turno.

Na escola, ele evitou os corredores principais, pegando a entrada dos fundos que dava direto para a quadra de esportes. Lá, os garotos já estavam jogando basquete, seus corpos suando sob o sol matinal. Mateus observou por um momento, não com inveja, mas com um estranho desapego. Como se estivesse observando animais em um zoológico, criaturas cujos instintos ele não compartilhava.

“Santos! Vem jogar!” gritou Rafael, o capitão do time.

Mateus abanou a cabeça. “Não hoje.”

“Você nunca joga. O que você faz, anyway?”

“Coisas.”

Rafael riu, não um som amigável. “Coisas. Claro.”

Mateus seguiu caminho, sentindo o olhar de Rafael em suas costas. Rafael Costa era o tipo de garoto que nascera sabendo como o mundo funcionava e decidira se tornar seu mestre.

Filho do dono da maior loja de eletrodomésticos da cidade, ele tinha o tipo de confiança que só o dinheiro e a ausência de dúvidas podem dar.

Na sala de aula, Mateus sentou-se no fundo, perto da janela.

Posição estratégica: podia ver tudo sem ser visto, podia escapar se necessário. Ele abriu seu caderno, não para anotar a lição, mas para escrever as palavras que giravam em sua cabeça como pássaros presos.

O peso dos nomes. Carrego Santos como uma corrente. Meu pai a arrasta. Minha mãe a carrega nos ombros. Meu irmão ainda não sabe seu peso. Eu... eu quero arrancá-la.

“Mateus Santos?” A professora chamou.

“Presente.”

“Poderia ler o trecho da página 42?”

Ele ergueu os olhos. A professora, Dona Sandra, olhava para ele com uma mistura de expectativa e pena. Ela sabia da sua história. Todo mundo sabia. A cidade era pequena demais para segredos, grande demais para compaixão.

Ele leu o trecho — um poema sobre liberdade. Sua voz soou estranha em seus próprios ouvidos, áspera e desconectada. Quando terminou, o silêncio na sala era espesso.

“Obrigado, Mateus”, disse Dona Sandra, sua voz suave. “Você tem uma boa voz para leitura.”

Ele assentiu, olhando para baixo. Elogios doíam mais que críticas. Porque exigiam algo dele que ele não sabia se tinha para dar.

No intervalo, ele foi para seu lugar usual — o telhado plano atrás da biblioteca. Poucos sabiam como chegar lá, e menos ainda se importavam. De lá, ele podia ver toda a cidade: a fábrica fumegando, o rio marrom serpenteando, as casas apertadas umas contra as outras, a igreja com seu campanário apontando para um céu que nunca respondia.

Ele acendeu outro cigarro, observando a fumaça se dissolver no ar. Às vezes ele se perguntava o que aconteceria se ele

simplesmente continuasse subindo. Se escalasse o campanário e pulasse. Se suas asas quebradas finalmente se desdobrassem no ar antes do impacto.

A porta do telhado rangiu. Mateus não se virou. Sabia quem era antes de ouvir a voz.

“Sempre te encontro aqui.”

Elisa. Ela se aproximou, ficando ao seu lado, olhando para a cidade como ele fazia.

“É o único lugar que não me aperta”, disse ele.

“Eu sei.”

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Mateus e Elisa tinham uma história que começava antes que qualquer um deles se lembrasse. Cresceram na mesma rua, brincaram nos mesmos quintais, compartilharam as mesmas descobertas infantis. E então, em algum momento, algo mudou. A amizade simples tornou-se algo mais complexo, mais carregado. Como se ambos tivessem desenvolvido uma sensibilidade à dor do outro que os conectava de uma forma que as palavras só estragariam.

“Daniel te convidou para a festa”, disse Mateus, não como pergunta.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br